

Caminhos Multiespécies de Tratadores e Animais ao Longo do Zoo

Matheus Henrique Pereira da Silva¹

RESUMO: Este artigo foi elaborado a partir de uma etnografia realizada no zoológico do Bosque Rodrigues Alves – Jardim Botânico da Amazônia (BRAJBA), localizado na cidade de Belém (PA), buscando investigar as experiências entre os profissionais nomeados tratadores e os animais cativos em seus encontros diários. Aqui trato das caminhadas realizadas com os tratadores em seus encontros com os animais, problematizando como seu conhecimento, bem como o conhecimento antropológico, são feitos, sobretudo, através das improvisações que constituem seu cotidiano na medida em que traçamos caminhos multiespécies em movimento ao longo do zoo nesta cidade amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: Animais; Tratadores; Caminhadas; Conhecimento; Amazônia.

O presente artigo foi elaborado a partir de minha pesquisa de iniciação científica² no Bosque Rodrigues Alves – Jardim Botânico da Amazônia (BRAJBA) no período correspondente a agosto de 2014 até agosto de 2016. Busquei investigar as relações entre humanos e animais que, neste caso, envolvia a realização de uma etnografia com os profissionais nomeados tratadores e os animais cativos no zoo do “Bosque”, como é popularmente conhecido. Os tratadores seriam membros componentes da equipe da Fauna do local, junto a biólogos e médicos veterinários responsáveis pelos cuidados dos animais, seu manejo e um feixe de atividades que dizem respeito ao compartilhamento de suas vidas diariamente. Neste período voltei-me para as relações de caráter direto entre os tratadores e os animais, como alimentação, tratamento e encontros diversos cotidianos.

O Bosque Rodrigues Alves é um patrimônio (SILVEIRA, 2014) estadual tombado por lei³ e é detentor de edificações que datam da chamada *Belle Époque* Paraense – a qual foi impulsionada pelo *boom* da borracha na virada do século XIX para o XX –, constituindo-se como um *jardim botânico histórico* inspirado no *Bois de Boulogne*, localizado na França. Nesse sentido, foi preservada parte da vegetação original existente na área de terra firme que abriga uma rica biodiversidade amazônica. No Bosque existem espécies vegetais ameaçadas de extinção, e algumas árvores com idade em torno dos 800 anos.

Trata-se de um espaço verde que atualmente possui uma área total de 15 hectares (151.867 m²) distribuída em quatro quadrantes (Q I, Q II, Q III e Q IV) e 112 canteiros, contendo vegetação nativa de terra firme que abriga rica biodiversidade no contexto urbano. Os quadrantes possuem a mesma dimensão (3.750 m²) e apenas o quadrante Q IV não é aberto ao público, sendo considerada área restrita.

¹ Graduando em Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal do Pará. Bolsista PIBIC/CNPQ. E-mail: Matheusk11@hotmail.com

²Agradeço ao CNPq pela bolsa a qual a pesquisa se tornou possível, ao Flávio pela orientação e diálogo contínuo e ao Felipe Vander Velden pelos comentários.

A bolsa de pesquisa foi-me cedida a partir do Projeto de Bolsa de Produtividade do CNPq de meu orientador, Prof. Dr. Flávio da Silveira, que coordenou projeto intitulado: “Estudo antropológico das interações de humanos com os não-humanos no Bosque Rodrigues Alves, na cidade de Belém (PA). Paisagens de evasão, conservação da biodiversidade e imaginário urbano”. Outra observação a ser feita é que algumas idéias aqui presentes já foram esboçadas e/ou trabalhadas em outros escritos (SILVA; SILVEIRA; 2015; SILVEIRA; SILVA; 2015).

³ O Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Bosque Municipal Rodrigues Alves foi tombado pela Lei Estadual nº. 4.855 de 03.09.79, alterada posteriormente pela Lei nº 5.629 de 20.12.90, que dispõe sobre a Preservação e Proteção do Patrimônio Histórico, Artístico, Natural e Cultural do Estado do Pará.

Figura 1. Mapa do local apresentando sua área, caminhos e trilhas por quadrantes.

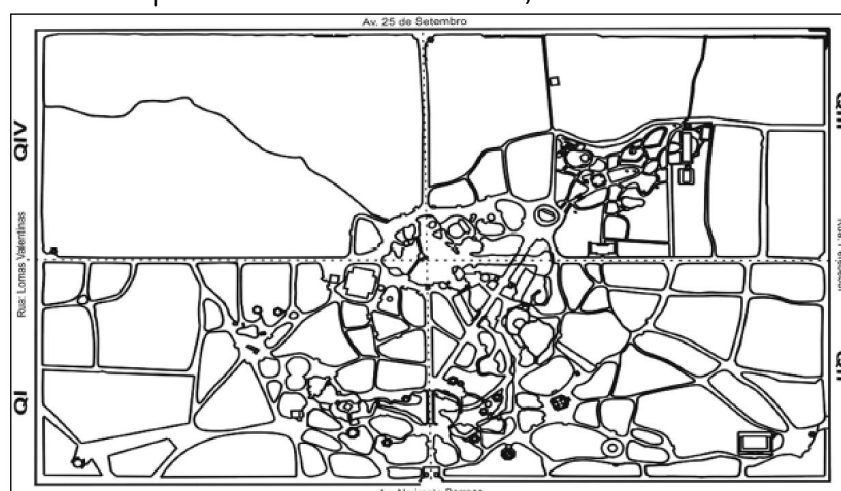


Figura 1. Mapa esquemático evidenciando os quadrantes (QI, QII, QIII e QIV) do Bosque Rodrigues Alves Jardim Botânico da Amazônia, Belém, Pará. Fonte: Coordenação de Botânica (BRAJBA), adaptado por S. Maciel.

Fonte: Coordenação de botânica (BRAJBA), extraído e adaptado por S. Maciel (MACIEL *et al*, 2007)⁴

A importância deste espaço verde no contexto urbano, em termos de conservação da biodiversidade amazônica, está no fato de que ele apresenta um papel significativo para a preservação *ex situ* e *in situ* de espécies animais representativas da fauna neotropical (SILVEIRA, 2014). Em primeiro caso, pela existência de um pequeno Jardim Zoológico com diversas espécies regionais ameaçadas de extinção – e que, geralmente, são oriundas de doações de pessoas que não podem, ou não querem, mais criá-las em cativeiro – e, em segundo caso, por conter uma variedade de fauna nativa de vida livre e cativa que encontram no Bosque condições adequadas para a sua sobrevivência, constituindo uma parcela importante da fauna nativa urbana.

Como espaço público, a área verde urbana está voltada às relações com a natureza onde é necessário atentar que a esfera pública seria composta por uma multidão de espécies envolvendo pessoas, animais e outros agentes (HAARTIGAN, 2015), ou seja, se considera o parque em seu contexto multiespecífico (VAN DOOREN; ROSE, 2012). Dessa maneira, destacam-se as relações coexistenciais entre humanos e não-humanos no Bosque (SILVEIRA, 2016 a) onde as suas relações ecológicas se entrelaçam em uma ecossistêmica complexa envolvendo a vida das espécies de vida cativa e livre que habitam o zoo, as quais ocupam nichos ecológicos e tróficos co-construídos (FUENTES, 2010) que implicam níveis de co-adaptabilidade por vezes surpreendentes, como é o caso dos laços entre as pessoas e os macacos-de-cheiro em seu entorno (SILVEIRA; SILVA, 2017). Portanto, a etnografia se alia à perspectiva de ampliar a análise dos entrelaçamentos dos agentes para além da centralidade da figura humana nas socialidades e relações sociais diversas.

O Bosque encontra-se aberto para o público durante toda a semana, com exceção de uns poucos feriados e nas segundas-feiras – dia em que permanece fechado para descanso dos animais e tratamento de possíveis ocorrências de saúde, posto que, nos fins de semana, a agitação é intensa. O local abre às 8h, permanecendo aberto até 16h30, quando as pessoas são avisadas do fechamento pelos funcionários que trabalham na segurança do lugar, pois estes realizam uma vistoria com este intuito. A venda de ingressos encerra uma hora antes do fechamento do espaço, custando R\$ 2, e com direito a meia entrada para estudantes e crianças de 7 a 12 anos. Crianças menores de 7 anos e idosos usufruem de entrada livre no local. Além, é claro, dos trabalhadores e do pesquisador, muitas pessoas caminham pelo Bosque cotidianamente, por dentro e em seu entorno, exercendo formas de sociabilidade bastante diversas.

⁴Imagem acessada, disponível e extraída em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81142007000200006.

O projeto mencionado a qual minha pesquisa está inserida, também contemplou a realização de uma etnografia no entorno do Bosque com foco nas atividades e formas de sociabilidade, como as práticas que englobam o culto ao corpo através de exercícios físicos, o uso de aparelhos de ginástica, *jogging*, entre outras atividades ligadas as percepções das pessoas, visitantes e passantes acerca da “natureza” no local (Fauna, flora, etc.). Deste modo, a etnografia também acompanhou (FONSECA, 2014) o cotidiano de alguns trabalhadores informais e formais que atuam no entorno do Bosque, buscando compreender representações dos coletivos humanos sobre a natureza amazônica a partir de sua realidade experiencial.

Portanto, nestes trabalhos, o conceito de sociabilidade (SIMMEL, 1983) é experimentado e compreendido na imersão dos jogos de interação social entre os agentes enquanto processos formais de socição entre os mesmos. É neste encadeamento de relações formais que a sociabilidade se relaciona com a realidade, e não de *uma forma de relação*, pois tal interpretação compreenderia um caráter redutor do jogo de associações sociais entre os trabalhadores. A sociabilidade seria a decorrência da agência humana efetivada na vida social e moral dos humanos em interação. Mas no trabalho de Silveira (2016 b) também são investigados as formas de sociabilidades interespecíficas (BARATAY, 2016), quando são compartilhados os sentidos, os interesses e sentimentos entre humanos e animais.

Ao que concerne este trabalho, também foram feitas caminhadas com o propósito de seguir os tratadores na dinâmica de suas atividades junto aos animais por todo o zoo. Porém, para descrever seus agenciamentos, o sentido do compartilhamento de suas vidas e a dinâmica de suas atuações no mundo, foi necessário atentar para a matriz relacional que constitui a vida compartilhada entre espécies. As caminhadas se efetuam enquanto dispositivo metodológico que permite acompanhar o fluxo de acontecimentos; o curso da vida das pessoas (EVANS-PRITCHARD, 1978; STRATHERN, 2014) junto aos animais com quais o etnógrafo convive de outra maneira. Foi indispensável estabelecer um *relacionismo* radical, em que tudo – e nisto incluem-se humanos e não humanos – é posto em relação ao se fazerem caminhadas. Isto remeteria a uma prática de aprender a diferença e a dinâmica das relações entre os agentes: seus fluxos, movimentos, ritmos e desenvolvimentos compartilhados.

Durante variadas manhãs e parte das tardes fui ao Bosque movido pelos encontros rotineiros com os tratadores – imprescindíveis para a realização da pesquisa versando sobre o cotidiano de trabalho em meio urbano (VELHO, 1994). Busquei acompanhá-los, quando possível, desde suas chegadas ao local, por volta das sete horas da manhã, em suas deambulações no decorrer do dia pelas instalações e paisagens do Jardim Botânico, até suas saídas. Seguiu os tratadores nos direcionamentos que exigiam suas atividades, caminhos e descaminhos ocasionados pelos encontros com os animais. Caminhos de conhecer e estar com os outros que envolve uma cuidadosa atenção sobre como eles cuidam de vidas e mundos partilhados.

Nesses momentos as possibilidades de nos depararmos com a presença de cotias (*Dasyprocta azarae*) atravessando rapidamente o caminho em nossa frente, ou de macacos-de-cheiro (*Saimiri sciureus*) derrubarem galhos, sementes (quem sabe uma fruta?) ofereciam oportunidades singulares de interação, olhares e contatos; além de pensar sobre as agências dos animais no parque e na conservação das diferentes espécies existentes naquela área inserida no mundo urbano belenense. Também envolvia a experimentação da textura do Bosque em sua tessitura: as caminhadas em meio à densa vegetação de árvores frondosas, com a alta umidade e caminhos em certo limiar labiríntico (principalmente nas primeiras visitas realizadas), ainda, pisando no chão de terra, em sua predominância, que se altera com pequenos trechos de concreto e lama, em especial junto ao acúmulo de folhas caídas.

O ato de andar permitiu mover-me pelos diferentes trechos do Bosque, pois, no momento da entrada pelo portão lateral na rua Perebebuí, já se imputava uma caminhada em direção ao setor da Fauna que é acessível por percursos diferenciados. Quando chegava ao local, os tratadores encontravam-se organizando e dividindo as tarefas a serem realizadas no dia. De imediato, havia a possibilidade de seguir distintos tratadores e suas respectivas atividades. Havia cinco tratadores (Elinaldo, Gelson, Moisés, Paulo Vitor e Salomão) que se revezavam nos afazeres estabelecidos, pois nem todos os dias os tratadores são responsáveis pelas mesmas tarefas. No entanto, foi possível perceber que, com certa regularidade, os tratadores Elinaldo e Gelson ficavam responsáveis pela limpeza dos viveiros e pelo serviço de alimentação ao longo do Bosque; Paulo Vitor limpava e servia a alimentação para os animais na quarentena. Já Moisés ia buscar o capim-gordura, principal alimento para o peixe-boi, junto a outros trabalhadores em um veículo, sobretudo nas terças-feiras, e servia a alimentação para o mesmo e para outros animais. Por último, Salomão administrava os afazeres na cozinha e preparava os alimentos a serem servidos.

Figura 2 e 3



Fotos: Flávio da Silveira.

Além disso, todos os tratadores normalmente realizam as denominadas “rondas” diárias, quando caminham pelo Bosque buscando observar traços de atividades dos animais no viveiro, bem como suas movimentações ou relações interespecíficas com outros agentes que possibilitem indicar aspectos de seu bem-estar ou situações-problemas a serem compartilhadas com os humanos.

Dessa maneira, acompanhar os tratadores implicava conhecer diferentes ritmos que movimentavam a vida social entre humanos e animais, pois caminhar junto cria uma habilidade para segui-los através de um ritmo de movimento compartilhado. Nesta perspectiva, caminhar junto engendrava um movimento compartilhado no sentido de suas movimentações, tratadores e animais, estarem correlacionadas e também me colocarem em movimento. Então, fez-se imprescindível pensar outra dimensão social desta variação de relações através da noção de socialidade que busquei seguir, sendo as relações que fazem a vida das pessoas juntos aos animais no emaranhado de seus cotidianos no zoo.

A socialidade não se restringe às pessoas, ao contrário, ela é a conexão entre tratadores, bichos, alimentos e outros agentes que tecem seus encontros. Portanto, as caminhadas poderiam ser pensadas a partir da perspectiva de uma *socialidade relacional* (INGOLD, 2000) que é quando se pondera sobre as possibilidades de desenvolvimento dos organismos em experiências multissensoriais junto ao no ambiente; através do envolvimento entre humanos e animais em suas visitas, troca de olhares, práticas de cuidado que organizam suas vidas sociais e permitem uma rotina de encontros e tramas nas paisagens.

O antropólogo Tim Ingold, em seu ensaio *Becoming Persons: Consciousness and Sociality in Human Evolution* (1991), discorre sobre o conceito de socialidade nos processos integrais de tornar-se

pessoa pelos seres humanos, sua formação e desenvolvimento enquanto aspectos constitutivos de um organismo, o que englobaria uma teoria da evolução pensada em termos do potencial transformativo do campo relacional, dentro do qual o desenvolvimento ocorre. Assim, ser uma pessoa para Ingold é um aspecto de um organismo em seus agenciamentos criativos que os conduzem ao vir a ser do organismo/pessoa com outros organismos/pessoas com os quais se relaciona de forma que as socialidades seriam efetuadas em um campo imanente de relações (SILVA, 2011, p. 368), dentro do qual cada vida cresce e se desenvolve em seus engajamentos ativos no mundo com outros seres.

É na movimentação da vida social, através das várias relações práticas realizadas no acompanhamento das atividades dos tratadores com os animais, que tais formas sociais são geradas, estas que emergem de um emaranhado de relações e são nomeadas de socialidades. Ainda, as práticas de seguir os tratadores em seu viver com os animais me permitiam repensar o “campo” enquanto possibilidade criativa de *encontros multiespécies* (DOOREN; KIRKSEY; MUNSTER, 2016, p.10), quando havia o meu aprendizado sobre a formação da base de novos conhecimentos sobre outras espécies e as possibilidades de elaboração de vidas compartilhadas, seus cuidados e afetos.

Andar é uma atividade movida por sua abertura no campo dos relacionamentos com animais, a flora e os humanos, o que inclui as improvisações ao longo de suas trilhas que se enveredam à medida que as pessoas se movem em novos ambientes. Cada passo, ou entrada em um viveiro, é uma forma de conhecimento do ambiente efetuada em relação a ele. As improvisações tornaram possível perceber a variação das relações sociais que acontecem no cotidiano do Bosque no que concerne a tratadores e animais, sendo configuradas de modo relacional entre os agentes. Episódios de acidentes ou acontecimentos de outra ordem ocorreram, gerando problemáticas diversas em seus relacionamentos – como a queda de algumas árvores dentro de um lago de peixes (o que ocasionou a morte de alguns deles) ou ataques do gavião-real aos tratadores, entre outros – ofereciam a oportunidade de acompanhar os acontecimentos singulares que envolviam os tratadores diante situações que exigiam outras práticas e socialidades não planejadas com os agentes. Portanto, as improvisações envolvem caminhos complexos de conhecer e viver que estão sempre em cena e em jogo em seus cotidianos.

Para analisar a potência das improvisações para a efetuação de socialidades entre tratadores e animais, a seguir narro e analiso o episódio da fuga de um macaco-prego que arrebentou uma parte do gradeado de seu recinto e fugiu deambulando pelo Bosque. Acompanhei os tratadores em busca da captura do macaco explorando o dispositivo das caminhadas juntos aos tratadores para descrever o feixe de relações entre os agentes. Também incluo narrativas acerca dos macacos realizadas em outros dias para aumentar a análise das relações sociais e de suas variações emaranhadas no caminhar humano ao longo do zoo.

Na manhã de quarta-feira, 09/06/2015, cheguei ao Bosque caminhando por volta das 8h, como de costume. A manhã estava ensolarada com seu calor fortíssimo. Então, entrei pelo portão localizado na rua Perebebuí e caminhei em direção ao setor da Fauna, onde os tratadores se reúnem para organizarem e planejarem suas tarefas cotidianas. Passei pelo Quiosque Chinês onde havia grande animação em uma prática de ginástica coletiva relativa a um programa de saúde para pessoas idosas. Dobrei a direita em outro caminho, um pouco mais estreito e próximo às árvores, atentando para as maiores delas que compõem a mata fechada. Neste momento, e, claro, desde a entrada no local, era possível sentir o cheiro agradável da mata e o frescor da umidade provindos da evapotranspiração intensa da flora e do pequeno lago localizado no meio do Bosque, e que se dispersa pelo local. Outro aspecto é o amplo sombreamento, que chega a ser problemático para

alguns animais cativos, devido ao não contato direto com os raios de sol ocasionando déficits de vitamina D, como me contaram em outra ocasião os tratadores.

Figura 4. Recinto dos macacos-prego e o público



Foto: Flávio da Silveira

Segui atentando para o recinto destinado aos macacos-pregos, que, na época, estava em construção. Foi então que resolvi parar por alguns momentos para ver a equipe de biólogos que planejava como dispor os materiais dentro do viveiro para a maior movimentação dos animais. Os biólogos Neto e Tavison estendiam e amarravam cordas elásticas de lado a outro no recinto. Também pude ver troncos de árvores e pneus sendo colocados. Falei com eles rapidamente, pois neste dia já havia me comprometido acompanhar os tratadores no setor da quarentena onde efetuariam algumas ações de manejo tocantes aos animais confinados. Tavison me disse que estavam empregando técnicas de enriquecimento ambiental objetivando a diminuição do estresse sofrido pelos animais. Após alguns momentos, continuei em frente e, depois, por um caminho mais largo, à direita, sendo este o caminho principal em direção ao setor da Fauna. Em certo trecho da trilha avistei à distância os praticantes de yoga, que tradicionalmente retiram-se para a zona central do Bosque por ser um local mais afastado das pistas e de seus inconvenientes, como ruídos, barulhos e a fumaça de escapamentos desregulados de carros.

Enfim, cheguei ao setor da Fauna e encontrei os tratadores já se preparando, e realizando algumas de suas atividades. Estavam no local todos os tratadores. Decidi ir à quarentena com Paulo Vitor, ao local onde iriam fazer as manutenções diárias e realizar os tratos e cuidados programados em suas visitas. Inicialmente, entramos na quarentena, espaço destinado a recuperação e tratamento de animais doentes, e logo Paulo Vitor foi ver se todos os animais estavam bem. Imediatamente após a vistoria começou a lavar o chão da entrada do local. Depois entrou no espaço em que habitava o quati Wesley. Brincou um pouco com o animal, que subiu em seus ombros e recebeu um carinho. Então, limpou o chão e serviu a comida. Aproveitei para tirar algumas fotografias e também entrar em contato com o bicho. Seu Paulo me disse que ele é manso, sempre muito brincalhão e que gosta muito de humanos. “Um bicho carente”, segundo ele, pois vive um pouco sozinho recebendo apenas visitas da Equipe da Fauna. Em algumas ocasiões ele sai pelas espacialidades do Bosque com os membros “da Fauna”.

Por volta das 9h o biólogo Neto chegou à quarentena e avisou seu Paulo que um macaco-prego havia fugido de seu recinto. A jaula que os macacos habitavam ficava localizada no primeiro quadrante, próximo ao monumento chamado Ruínas do Castelo, de acordo com o mapa apresentado, situado a esquerda da entrada principal do local, referente à av. Almirante Barroso. Nem todos os

tratadores entram no recinto dos macacos-prego, inclusive, alguns contaram em outras ocasiões que este era o mais difícil para a entrada e realização da limpeza, ou disposição dos alimentos. A atenção redobrada com os macacos é essencial para a relação, principalmente quando é realizada a limpeza de seu recinto. São cinco macacos-prego, e normalmente um tratador, ou no máximo dois, entram no recinto, entre eles, Gelson e Moisés. Os macacos são rápidos e se tornam agressivos quando estressados nas jaulas por algum motivo.

Figura 5. Monumento histórico Ruínas do Castelo, construída em estilo romântico e que chama atenção por sua exuberância e seu aspecto de inacabado.



Foto: Adriano Magalhães⁵

Por exemplo, em um outro dia, 11/11/2014, acompanhei Elinaldo enquanto levava os alimentos para os animais. O tratador Salomão preparou a alimentação para as aves, frutas como banana e mamão e também ração, e para os macacos incluindo sua ração para primatas. Elinaldo colocou tudo no carrinho-de-mão, quando saímos da cozinha em direção aos recintos. Após colocar a comida dos tucanos perguntei para o tratador: “O senhor acha perigoso aí seu Elinaldo, entrar no recinto?”; Ele logo me respondeu: “Não. Nesses aqui, eu não acho perigoso. O mais perigoso são o dos macacos. Esses aqui não são tão agressivos.”. Em seguida, caminhamos até o recinto dos macacos-prego, onde colocou a alimentação na aérea deambeamento – uma pequena câmara, ante-sala, dentro do recinto que permite ao tratador colocar água e os alimentos para os cativos sem necessariamente entrar em contato direto com os macacos. Mesmo com a área deambeamento, percebi certa tensão do tratador ao colocar a comida, pois o recinto estava em manutenção e as grades em reforma; quando falei: “Os macacos são os mais perigosos...”, e Elinaldo acrescentou: “Só vem aqui quem conhece, para entrar lá, fazer a manutenção”.

Figuras 5 e 6. O tratador Salomão dispõe a alimentação para os primatas

⁵ Imagem acessada e disponível no seguinte site: <http://www.agenciabelem.com.br/Noticia/142493>



Fotos: Flávio da Silveira

Nesta situação o macaco havia fugido através de uma brecha feita no gradeado, logo fechada pelos tratadores. Nos reunimos, seu Paulo e eu, com os tratadores Elinaldo, Gelson e Moisés, bem como com os biólogos Neto e Tavison. Enquanto conversávamos sobre o paradeiro do macaco, um funcionário do local nos informou que o animal havia sido avistado pela última vez na parte lateral do Bosque correspondente a rua Lomas Valentina. Para aumentar a possibilidade de sua captura, dividimo-nos em dois grupos: Paulo Vitor, Moisés, Neto e eu que caminhamos em meio parque atentando para a vegetação. Já o segundo grupo, Elinaldo, Gelson e Tavison foram buscar pistas seguindo o gradeado, afinal, não era a primeira vez que isso acontecia, ouvi outros relatos dos tratadores acerca disso. Então, caminhamos atentos por todos os lados, a mata fechada ampliava a necessidade de atenção: afinal poderíamos cruzar com diversos animais, alguns se saíssemos dos trilhos, como as sucuris. Mas também ampliava a possibilidade da captura, visto que tal espécie de macaco não desenvolveu em alto grau suas capacidades de deslocamento pela flora, sobretudo o hábito de subir nos pontos mais elevados, como fazem os micos de cheiro, e ainda de forma veloz. Assim, enquanto andávamos Paulo Vitor me contou:

Paulo Vitor: - Uma hora ele vai cansar e vai ficar mais fácil de pegar esse animal.

Matheus: - E como o senhor faz pra capturar o animal?

Paulo Vitor: - Com o puçá! Jogo por cima dele, aí ele entra. Agora, só que não é bem fácil assim também. Tem que ficar ali perto, dentro do mato.

Matheus: - E nas árvores eles sobem?

Paulo Vitor: - Sobem. Sobe, mas ele desce. Eles são acostumados a ficar em cativeiro, presos, se fosse um macaco daqueles selvagens igual tem por aí, aí ele não ficava dentro do Bosque, tinha pegado o "beco" já. Eles ficam sempre assim pelos cantos.

Paulo Vitor apontou para suas técnicas de captura do animal empregando o puçá (rede em forma cônica montada em um aro para captura de animais). Dependendo da situação em que se encontra o animal, pode-se fazer sua captura através do lançamento do puçá ou dispondo-o em algum lugar como uma armadilha, sobretudo em meio à flora, de modo que a tarefa exige atenção, habilidade e paciência. Outro aspecto aludido são os impactos da criação dos animais em recintos no zoo – onde ficam aos cuidados e na dependência humana, e, sobretudo estão impossibilitados de saírem, a não ser, claro, em fugas como esta – o que os força a desenvolver melhor sua movimentação pelo chão e pelos gradeados, o que também dificultaria sua captura junto ao puçá. Porém, o que não quer dizer que não saibam subir em árvores.

Enquanto caminhávamos, Paulo Vitor e eu encontramos o tratador Moisés, que nos avisou que estava indo fazer a verificação do recinto para saber se havia outra possibilidade de fuga dos animais e, quem sabe, encontrar o macaco por lá e realizar sua captura. Daí em diante, acompanhei Moisés que me contou:

Moisés: - Eles já arrebutaram várias partes do viveiro. Já tivemos que costurar aqui com arame, foi à última vez que eles quebraram aqui inclusive. Se eles conseguissem romper isso aqui, está bem deteriorado [parte do gradeado]. Aí caí naquilo que a gente

falou: muito ferro, muito ferrugem e se o animal tem um corte, pode vir a adquirir um tétano; pode ter um problema mais sério por conta do material que é usado. É muito ruim esse material, e fora que já precisa de uma reforma há muito tempo.

Assim, a fuga de um macaco é perigosa desde o início, pois a ruptura do gradeado de seu recinto, que estava enferrujado, pode ocasionar ferimentos ao animal e doenças relacionadas, como o tétano. Continuei perguntando sobre as fugas:

Moisés: - Pois é, em relação às fugas, a gente já eliminou uma porta traseira, que geralmente é pelo lado de lá que eles fogem. Eles quebraram a última porta. Arrebentaram como fizeram com esse gradil aqui, todo enferrujado, todo podre. Praticamente essas fugas se dão assim: eles começam a balançar a grade, aí rasgam e conseguem sair, e quando eles fogem a coisa é sinistra... Para pegar... O bom é que eles já estão tão adaptados a essa área que, geralmente, eles voltam para cá a procura de alimento, como eles não conseguem achar. Por exemplo, às vezes que eles fugiram a gente teve certa sorte por não estar em época de frutificação no Bosque. Então eles não tinham como achar manga, não tinha como achar nada. Aí tiveram que voltar por que aqui é a referência deles. Aí ficaram por aqui cercando, aí que vieram pegar. Mas já aconteceu algumas vezes, que não era época de frutificação aqui, que eles atravessaram a Almirante, entroncamento, um problema sério, seriíssimo. Atravessaram para prédios. Aí eles são bem agressivos para quem não conhece e não sabe lidar, não gostam de crianças, são muito territoriais. Geralmente quando o pessoal começa a chegar perto, eles pegam a banana, e lançam a fruta na pessoa, eles são bem complicados.

Os animais que estão habituados a alimentação e outros cuidados recebidos dos tratadores tendem a voltar para o lugar quando fogem para além dos gradeados, ou vão em direção a fontes de comida dentro do próprio local, como um pequeno restaurante e as barracas que vendem doces, pipocas e outras guloseimas. Portanto, vigiar as proximidades destes locais se faz importante para tentar capturar o animal. Os biólogos iam e vinham sem parar em busca de pistas sobre sua localização e seus movimentos dentro do local. Outro aspecto que chama atenção é o nível de estresse sofrido pelos animais no interior do viveiro, quando tendem a atirar seus alimentos, em especial bananas, em direção às pessoas que os olham e circundam seu recinto, como pude observar várias vezes.

Diante de tais circunstâncias, continuávamos a caminhar até que o avistamos próximo ao gradeado. Rapidamente o macaco nos olhou e saiu correndo em alta velocidade pelo chão, depois se moveu pela parte baixa do gradeado. A esta altura já estávamos correndo atrás dele, mas acabamos perdendo-o novamente de vista quando adentrou em outro caminho, mais estreito e ensopado pela lama da mata fechada, o que nos impediu de continuar correndo.

A manhã se estendeu até que nos reunimos novamente, e Gélson também me disse que não ia demorar até ele sentir fome e voltar para o recinto, pois já estava habituado a receber comida nos horários determinados. Fiquei a manhã inteira caminhando com os tratadores pelo Bosque, mas não conseguimos avistar o animal novamente. Foi então que, por volta de meio dia, o animal foi visto próximo ao gradeado do bosque junto à rua Rômulo Maiorana. Os tratadores foram acionados, e rapidamente cheguei junto a eles no local. Chegando lá, o macaco parecia um pouco cansado e mais calmo, porém tentou fugir, mas rapidamente Gelson e Paulo operaram o puçá, laçando-o sobre o macaco e em conjunto o apanharam e levaram de volta ao recinto.

Em relação ao bem-estar dos macacos, em outro dia, conversando com Moisés, que lembrou do episódio, comentou que “muita das vezes o animal está com um alto nível de estresse por causa do público, muita gente pra ver o bicho, ou por causa dos recintos.”. Porém, como já foi mencionado em outro momento da pesquisa, 09/06/2015, há dificuldades em se determinar se as condições de adaptação de um animal às situações vividas por ele em cativeiro são favoráveis ao seu bem-estar, pois podem apresentar miríades de sofrimentos nos processos envolvidos (DAWKINS, 2004), seja na higienização dos recintos, ou até mesmo, na assistência médica ou cuidados diversos engendrados por médicos veterinários e tratadores, pois “a presença do próprio tratador pode estressar o animal”,

09/06/2015, segundo Gelson. No recinto dos macacos-prego, por exemplo, foram acrescentados pneus, cordas, galhos e um tronco de árvore, a fim de aumentar a mobilidade dos animais na espacialidade do lugar, devido ao fato de estarem sujeitos a obesidade por falta de atividades.

Nestas caminhadas com os tratadores é possível atentar para os improvisos que marcam seus cotidianos, no que também se refere aos tratos e cuidados com os animais, pois evocam sua maneira de conhecê-los na medida em que são tecidas experimentações multissensoriais nos caminhos traçados, nos levando a uma perspectiva do olhar para socialização engendrada no caminhar com o outro (LEE, J.; INGOLD, T., 2006) e nos aspectos sensoriais de socialização no mundo urbano (PINK, 2008). São nas caminhadas que é feito o conhecimento antropológico, no movimento de acompanhar os tratadores e em seus encontros e desencontros com os animais, suas improvisações e ritmos variáveis de acordo com as demandas do dia e suas problemáticas, como a recaptura do macaco neste caso analisado.

Tais cuidados dos tratadores implicam tornarem-se *agentes-companheiros* (DESPRET, 2013 a, p. 44). Companheiros de imersão em um mundo compartilhado de significado junto aos animais, diante de improvisações arriscadas que envolvem repulsas, afinidades e rupturas nos entrelaçamentos, que inventam novas formas de viver cotidianamente, na medida em que tecemos nossas vidas com eles. Portanto, o corpo é tomado como o fio condutor ante seus afetos e movimentos, e também nas conexões estabelecidas ao longo do zoo com uma multiplicidade de seres vivos; e seria tomado em suas instanciações enquanto condição de possibilidade do conhecimento antropológico. Ou seja, é no próprio caminhar com o outro que se torna possível o exercício de pensamento em suas dimensões antropológicas, embora sempre exceda os cortes e recortes de tais fluxos que constituem a parcialidade do “objeto”.

Tal orientação nos força a pensar não simplesmente em um corpo em interação com um ambiente externo, que reage a estímulos, sendo percebido através de mecanismo de cognição. As afecções envolvidas em tais contatos, distanciamentos e compartilhamentos de experiências, implicam *perspectivas afetadas* (DESPRET, 2013 b, p. 57) com a *imersão do corpo*, também, do etnógrafo com sua presença em campo, pois esta última se comprometeria em remarcar as fronteiras entre observador e observado, objetivo e subjetivo, por meio da suposta neutralidade reivindicada no campo da ciência e suas práticas. O experimentador, longe de se manter em segundo plano, envolve seu corpo, seu conhecimento e sua responsabilidade em suas relações práticas de saber, para experimentar afetos; intensidades que modificam o próprio estoque de imagens do antropólogo em relação com o outro (FAVRET-SAADA, 2005).

Os diferentes conhecimentos que envolvem as práticas de tratadores, biólogos e veterinários, bem como a empreitada antropológica, são feitos em movimento ao longo dos caminhos e trilhas que compreende a terra sob a qual são inscritas as vidas dos agentes humanos e não-humanos, através das técnicas corporais (MAUSS, 2003) dos tratadores expressos em suas caminhadas e cuidados com o animal outro, ou os outros animais. Assim, o conhecimento desenvolve-se a partir do terreno social como um aprendizado sobre como mover-se ao longo do zoo. Como os tratadores seguem seus caminhos, acompanhando os traços de atividades dos animais e as circunstâncias que os envolvem de maneira imanente, o solo e os conhecimentos crescem e estão sempre em formação (INGOLD, 2010), daí o aspecto de não completude do conhecimento antropológico em feitura em suas caminhadas. Seu crescimento se dá a partir da textura do lugar, das correntes de ar que encham nossos pulmões, do chão e da luz do sol que banha os corpos no zoo. Assim, o conhecimento é formado ao longo de caminhos multiespécies em movimento no compartilhamento cotidiano de suas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARATAY, Éric. O sócio-antropólogos e os animais. Reflexões de um historiador para uma reaproximação das ciências. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 516-526, 2016.
- DAWKINS, Marian. Using behaviour to assess animal welfare. *Animal Welfare*, v. 13, p. 3-7, 2004.
- DESPRET, Vinciane. From secret agency to interagency. *History and Theory*, v. 52, p. 29-44, 2013 a.
- _____. Responding Bodies and Partial Affinities in Human-Animal Worlds. *Theory, Culture & Society*, v. 30, n. 7/8, p. 51-76, 2013 b.
- DOOREN, Thom van; KIRKSEY, Eben; MUNSTER, Ursula. Multispecies Studies Cultivating Arts of Attentiveness. *Environmental Humanities*, V. 8, N. 1, p. 1-23, 2016.
- _____; ROSE, Deborah. Storied-places in a multispecies city. *Humanimalia: a journal of human/animal interface studies*, v. 3, n. 2, p. 1-27, 2012.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. *Os nuer - Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FAVRET-SAADA, Janne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.
- FONSECA DA SILVA, Carlo. Trabalho, sociabilidade e convivência nas paisagens do Bairro do Marco – Belém, PA. *Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais*. Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- FUENTES, Agustín. Naturalcultural encounters in Bali: Monkeys, temples, tourists and ethnorimatology. *CULTURAL ANTHROPOLOGY*, v. 25, n. 4, p. 600-624, 2010.
- HARTINGAN, John. Plant Publics: Multispecies Relating in Spanish Botanical Gardens. *Anthropological Quarterly*, v. 88, n. 2, p.481-507, 2015.
- INGOLD, Tim. Become persons: consciousness and sociality in human evolution. *Cultural Dynamics*, v. 4, n. 3, p. 355-378, 1991.
- _____. Footprints through the weather-world: walking, breathing, knowing. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, London, p. 121-139, 2010.
- LEE, Jo; INGOLD, Tim. Fieldwork on Foot: Perceiving, Routing, Socializing. In: S. Coleman and P. Collins (eds) *Locating the Field. Space, Place and Context in Anthropology*, pp. 67-86. Oxford: Berg, 2006.
- MACIEL, Sebastião; SOUZA, Maria de; PIETROBOM, Marcio. Licófitas e monilófitas do Bosque Rodrigues Alves Jardim Botânico da Amazônia, município de Belém, estado do Pará, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi Cienc. Nat.*, Belém , v. 2, n. 2, p. 69-83, 2007.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e antropologia*, São Paulo: Cosac & Naify, p. 399-422, 2003.
- PINK, Sarah. A urban tour: The sensory sociality of ethnographic place-making. *Ethnographic*, v. 9, n. 2, p. 175-196, 2008.
- SILVA, Regina. A teoria da pessoa de Tim Ingold: mudança ou continuidade nas

representações ocidentais e nos conceitos antropológicos? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 357-389, 2011.

SILVA, Matheus da; SILVEIRA, Flávio da. Dimensões relacionais de tratadores e animais cativos no zoo do 'Bosque'. In: I Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos, 2015, Vitória-ES. Anais do I Conacso I Congresso Nacional de Ciências Sociais. Vitória, 2015. v. 1. p. 734-746.

SILVEIRA, Flávio da. As paisagens coexistenciais interespecíficas, ou sobre humanos e não-humanos compartilhando espaços domésticos numa cidade amazônica. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 288-315, 2016 a.

_____. As relações humanas e não-humanas na metrópole amazônica. Estudo etnográfico no Bosque Rodrigues Alves, Belém (PA). In: BEVILAQUA, C.; VANDER VELDEN, F. (Org.). *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais*. Ed.Curitiba; São Carlos: EdUFPR; EdUFSCar, p. 285-308, 2016 b.

_____. Paisagens do Bosque Rodrigues Alves, Belém (PA): considerações sobre a conservação do patrimônio urbano no contexto amazônico. *Antíteses*, Londrina, v. 7, n. 14, p. 230-257, 2014.

_____; GARCIA, Alexandre. Paisagens coexistenciais: Por uma etnografia visual interespecies. *Amazônica: Revista de Antropologia* (Online), Belém, v. 6, n. 2, p. 526-550, 2014.

_____; SILVA, Matheus da. Acerca do olhar do outro, ou sobre tratadores e animais em cativeiro - Por uma etnografia no zoo em contexto urbano (Belém - PA). *CADECS*, Vitória, v. 3, p. 54-74, 2015.

_____. Dos galhos às grades: cotidiano e relações interespecies no "Bosque". Reflexões sobre as interações face a face entre humanos e macacos-de-cheiro (*Saimiri sciureus sciureus*) na cidade (Belém - PA). *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 23, n. 48, p. 99-127, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832017000200005>

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. In: Moraes Filho (Org.). São Paulo, Ática, 1983.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico. In: *O Efeito Etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify, p. 345-405, 2014.

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, G. (Org.). *O desafio da cidade: Novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.